

**Brasil**

# V Jogos dos Povos Indígenas reúne mais de 50 tribos no Pará

O evento foi palco de muito esporte e intercâmbio étnico-cultural

Leonardo Boloni  
8º período de Jornalismo

Foi realizado entre os dias 14 e 21 de setembro, o V Jogos dos Povos Indígenas, na cidade de Marapanim, nordeste do Pará. O evento reuniu 55 etnias de várias partes do Brasil, com aproximadamente 1.100 atletas que participaram das diversas modalidades esportivas, a maioria tradicionais da cultura indígena. Os jogos foram realizados através de parceria entre a Funai (Fundação Nacional de Apoio ao Índio), Ministério do Esporte e Turismo, e Secretaria Executiva de Esporte e Lazer do Estado do Pará.

O intuito dos jogos é proporcionar a interação étnico-cultural entre as várias tribos brasileiras. É a oportunidade também das tribos discutirem os problemas enfrentados nas áreas da saúde, educação e preservação cultural. De acordo com o cacique Mahu, da tribo Aikewara é um reencontro tribal: "é bom nós encontrarmos com parentes", diz. O encontro serve também para fortalecer a necessidade de preservação cultural dos indígenas. Algumas tribos, que enfrentam avançado processo de aculturação, como os Pataxó, da Bahia, tem um grande exemplo a ser seguido pelos "parentes".

Para muitos, a viagem foi longa. Os Kaiowá, de Dourados -MS, viajaram por 4 dias de ônibus até a Praia do Crispim, onde uma estrutura foi montada para alojar e dar



Índias Kayapó mostram toda a sua força em competição de cabo de guerra durante os jogos

fotos: Leonardo Boloni



Revesamento na corrida de toras simboliza a união da sociedade Xavante

suporte a todos aqueles que iriam participar dos jogos: 28 ocas, refeitório, sala de imprensa, posto médico, exposição fotográfica, videoteca, instalações sanitárias e uma arena para receber um público de mais de 4.000 pessoas.

Apesar da distância, chegaram muito dispostos a mostrar seus valores e tradições. As apresentações culturais mostraram ao público, uma cara do Brasil que muitos desconheciam. Danças e cantos animavam a arena, que no final de cada dia, era lotada pela plateia que se misturava com os índios. Muitos aproveitavam para pedir autógrafos e tirar fotografias. O evento atraiu a atenção de pesqui-

sadores, alguns veículos de imprensa nacional e internacional.

Para os admiradores de artesanato indígena, foi dada a oportunidade de comprarem belas cerâmicas Karajá, colares Pataxó, flautas dos Enawenê-Nawê, entre muitas pulseiras, colares, cocares e arcos e flechas das diferentes etnias. Alguns comerciantes de grandes centros como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília foram ao local para enfeitar suas vitrines nas capitais. Um deles revela "um colar que compro por R\$ 30,00, vendo por mais de R\$ 300,00 tranquilamente, principalmente se o freguês for estrangeiro".

**Evento tem o intuito de interação étnico-cultural entre as várias tribos brasileiras, além de ser um espaço de discussão dos problemas enfrentados por algumas tribos**

**Futebol e força**

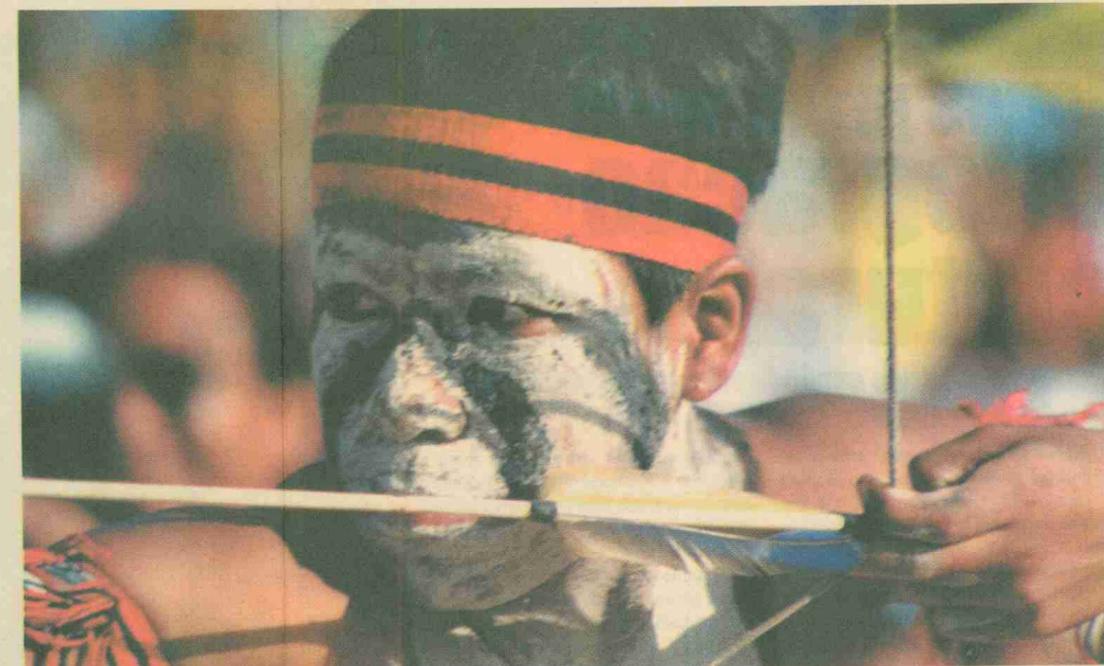
Entre as várias práticas desportivas, se destacam a corrida de toras, arco e flecha, arremesso de lança, cabo de guerra, atletismo, e é claro, o futebol. Todas as manhãs eram destinadas ao futebol masculino e feminino. O time masculino Xavante, que era tetra campeão desde a primeira edição dos jogos, perdeu para os Terena nas eliminatórias, que levaram o título deste ano.

Também houve corridas de 50 metros, natação e o Xikunahity, praticada pelos Pareci e Enawenê-Nawê uma espécie de futebol nativo, bem brasileiro. A bola - feita da seiva da mangabeira - só pode ser tocada com a cabeça. Os homens não pensam duas vezes na hora de se jogarem de cabeça no chão, o que vale é fazer pontos. Os Kuikuro, também tem um esporte parecido, só que jogado com o joelho, é o Katulaywa. A cada ponto feito, o líder do time toma do adversário algum ornamento de seu corpo. Os Kayapó também tem seu esporte de bola, é o Ronkrã, onde cada time usa bastões para tocar na bola, uma espécie de hockey.

As tardes aconteciam as demonstrações de força e trabalho em equipe. Desta vez quem ganhou foram as mulheres Xavante, que após muito esforço e enfrentando adversárias peso-pesado, conquistaram o primeiro lugar no cabo de guerra. Independente dos resultados, é impressionante ver a força e perseverança das mulheres indígenas. Os homens também participaram, quem levou a melhor foram os Xicrin, do Pará.

Outra demonstração de força e união é a corrida de toras. As tribos que participaram desta modalidade foram aquelas que a praticam tradicionalmente em suas aldeias. São os Xavante, Xerente, Gavião, Kanela e Krahô. Cada tribo usa um tipo diferente de madeira, que pode chegar a pesar até 120 quilos. Geralmente são disputadas entre clãs da mesma tribo e em forma de revezamento.

As lutas corporais também atraíram o público à arena. São lutas masculinas e femininas, cada qual com seu significado. No caso dos Xavante, o padrinho de um rapaz



Índio Bororo demonstra habilidade na demonstração de arco e flecha

iniciado chama o jovem no centro do círculo formado pelos rapazes que ficam sentados de cabeça abaixada. O padrinho desferiu um golpe de varinha de madeira na perna do rapaz, marcando o início da luta. Modesto, o padrinho, se esqueceu que era apenas uma demonstração, não economizou força no golpe e nem na luta, jogou o afilhado no chão. Geralmente é o padrinho quem vence,

ensinando - literalmente pela força física - uma lição de obediência e respeito aos mais velhos. É importante ressaltar que o sistema

de educação Xavante não é baseado neste tipo de tratamento. Esta luta só é praticada em um período de vida do adolescente e faz parte de inclusão e posicionamento social dos jovens de acordo com a faixa etária.

Os Kuikuro, um dos povos do Parque Indígena do Xingu - MT, praticam o Huka-Huka, uma luta corporal que faz parte do cerimonial Kuarup, que entre outros significados, também homenageiam os mortos. Enquanto se enfrentam, emitem um som grave, inspirado no som dos animais, quase parecido com o nome da luta. Apesar da feminilidade e beleza das

mulheres Xinguanas - Kuikuro, elas também entram na disputa. Esta demonstração de força e valentia foi boa para alertar alguns engraçadinhos que estavam de olho nelas.

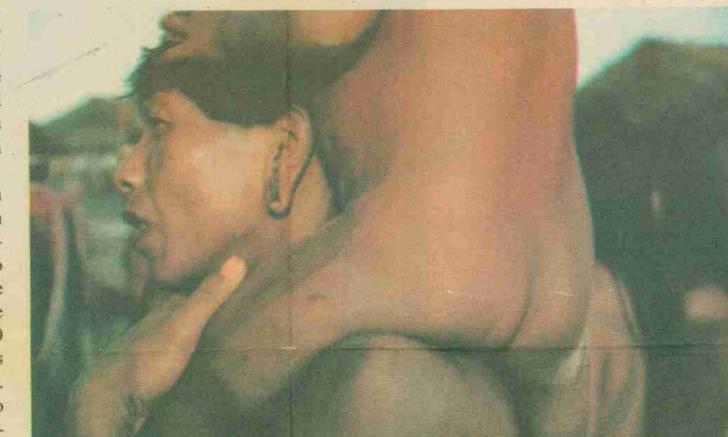
**A arma mais usada nos períodos de colonização teve um papel diferente nestes jogos**

**Arco e flecha: demonstração de experiência**

A arma mais usada nos períodos de colonização, e de vez em quando ainda hoje, teve um papel diferente nestes jogos. O

que antes era usado para proteger seu povo e abater caças, foi usado para demonstrar ao público, que apesar de enfrentarem o forte vento contra no local, ainda possuem a destreza e habilidade dos ancestrais. O tradicional arco e flecha foi demonstrado por todas as tribos participantes. Cada uma com sua técnica e formas de confeccionar sua arma. Os Gavião dominam uma técnica onde a flecha é atirada em direção a uma folha de palmeira no chão, quando a flecha atinge a folha, ricocheteia ganhando impulso, caindo longe do local disparado. Esta técnica é chamada Kaiipy. Destaque também para Turu, membro da tribo Waiãpi, que indiferente às ordens da organização, esperou que o vento diminuísse para que pudesse fazer um tiro certeiro.

Os Matis, que habitam o Vale do Javari, no Amazonas, demonstraram suas habilidades de caça com a zarabatana, um comprido cano de madeira - que pode chegar até 3,5 metros - por onde é soprado o dardo. Este dardo, quando usado em caça, é molhado com um veneno. Os Kokama, também do Amazonas, usam uma zarabatana menor.



Para os Krahô, os filhos são sementes que devem ser plantadas com carinho e cultivadas com amor

# Brasil

## Jogos promovem integração cultural

**Evento possibilitou convivência entre brasileiros de diferentes hábitos e costumes**

Apesar das demonstrações esportivas, pontuações e premiações, o evento não visa a competição. De acordo com um dos idealizadores dos jogos, Carlos Terena, o caráter deste evento não tem nada a ver com disputas, mas sim “unir e celebrar as várias culturas indígenas do país”, afirma.

Desta forma, eles criam um espaço de integração de índios e não índios. É fácil

notar que, apesar do convívio cultural entre os povos, os índios têm maior capacidade de assimilar a cultura dos não índios do que vice-versa. O cacique Awãroí, da tribo Tapirapé, já esteve

algumas vezes no exterior divulgando a cultura de seu povo. Ele diz que o brasileiro ainda não tem a sensibilidade de olhar para sua própria cultura. Ao invés de olhar para os povos indígenas como seres folclóricos, devemos enxergá-los como seres humanos como nós, que sentem e pensam. “Aqui po-

demos aprender muito com nossos parentes, inclusive coisas que podemos estar levando em benefício para a própria comunidade”, esclarece. Os não índios poderiam pegar esta carona e tentar enxergar os valores humanos de cada tribo. Não é apenas colocar um cocar na cabeça e ficar desfilando por aí, mas conversar, conhecer e aprender um pouco com estes povos.

**“Aqui podemos aprender muito com nossos parentes, inclusive coisas que podemos estar levando em benefício para a própria comunidade”**

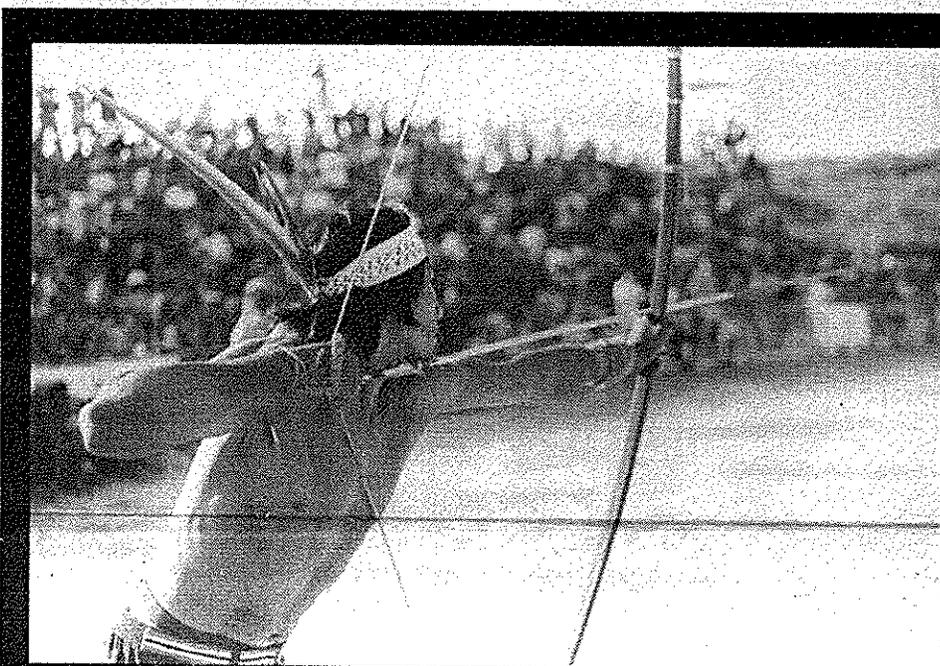
tista Alves, o vigia que ficava na oca dos Xavante para controlar a entrada de turistas ficou com os olhos cheios d’água na hora de se despedir, “este foi o maior evento que as cidades de Marapanim e Marudá já testemunharam”, afirma. (L.B.)

Para os visitantes e moradores da região, ficou a boa lembrança e a saudade destas pessoas de hábitos e costumes tão diferentes, mas nossos semelhantes. João Ba-



fotos: Leonardo Boloni

Índia Kalapó acompanhou sua tribo e foi participar dos jogos no Pará



Índios mostraram toda a sua habilidade no manejo de instrumentos tradicionais, como o arco e flecha

\*Esta reportagem faz parte do TCC - Trabalho de Conclusão de Curso para o habilitação de Jornalismo na Universidade de Uberaba e contou com o patrocínio das empresas Mercalar, Rosa Color, Transentulho Coleta Seletiva e Sak's, de Sacramento.

A exposição fotográfica deste trabalho estará no Shopping Uberaba dos dias 23/10 a 03/11, na praça de eventos e na Universidade de Uberaba dos dias 04/11 a 12/11, no hall da biblioteca, Campus II.